

Ano XXXVI - N.º 4 Revista Mensal 2,50 € Abril 2020

# MENSAGEIRO

## de SANTO ANTÓNIO



E CALMA SUBIREI  
ATÉ ÀS FONTES  
ONDE MORA  
A PLENITUDE,  
O LÍMPIDO ESPLendor

SOPHIA ANDRESEN



# Sumário



Abril 2020 | N.º 04 | Ano XXXVI

## EDITORIAL

- 3** Livra-nos do medo  
*A Redação*

## VOZ PARA VÓS

- 4** O jejum a que  
não estávamos habituados  
*Fabrizio Bordin*

## HOMEM E SOCIEDADE

- 6** Páscoa  
A límpida respiração do eterno  
*Manuel António Ribeiro*
- 8** Ponto e contraponto  
A economia de Francisco  
*Idalino Simões*
- 10** Traços de uma Presença  
Connosco e no meio de nós  
*Juan Ambrosio*
- 12** Pés na terra  
A terra pertence ao céu  
*Inês Espada Vieira*
- 14** Publicação obrigatória  
Estatutos e Contas 2019

## ESPECIAL

- 15** Diálogos com António 2020  
A força da palavra  
*Coord. Juan Ambrosio*  
*José Carlos Carvalho*  
*Frei José Correia Pereira*  
*António Carlos Cortez*

## IGREJA A CAMINHO

- 24** Espaço nova geração  
Jovens...  
e os santos da *Christus Vivit*  
São Francisco de Assis  
*Luís Leal*
- 26** Nos passos de António - 4  
Etapas do percurso  
*Fabio Scarsato*  
Uma carta  
com um olhar diferente  
*Gilberto Borghi e Chiara Gatti*

## CULTURA

- 30** Artes e Letras  
Livros  
*Rui Vasconcelos*  
Cinema  
*Pe. Manuel Monteiro Mendes*

## PÁGINAS ANTONIANAS

- 32** Páginas Franciscanas  
Para uma vida na alegria  
*Frei José Carlos Matias*
- 33** Figuras Franciscanas  
Frei Vitoriano da Costa  
*Frei Manuel Gonçalves*
- 34** Santo António,  
mestre da palavra  
Os aromas do nosso amor  
*Frei Valentim Strappazon*

## CONTRACAPA

- 36** Deus é misericórdia  
Confissão em tempos  
de pandemia

Diretor  
Frei José Augusto Marques  
(Carteira Profissional TE-101)  
Diretor-adjunto  
Secundino Correia  
(Carteira Profissional TE-1302)  
Administrador  
Frei Domenico Celebrin  
Redação  
Frei Severino Centomo  
Proprietário e Editor  
Associação Cultural  
Mensagem de Santo António  
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição  
Estrada de Assafarge, n.º 6  
3040-718 Castelo Viegas  
Telefone e fax  
239 438 190  
Correio eletrónico  
[mensagem.assinantes@gmail.com](mailto:mensagem.assinantes@gmail.com)

Atendimento:  
segunda, quarta e sexta-feira (manhã)

Preço da assinatura anual  
Só digital: 15 €  
Portugal: 22 €  
Europa: 35 €  
Fora da Europa: 50€ - \$75 (CAN)  
Amigo: 50 €  
Benemérito: 100 €

Preço avulso: 2,50 €  
Números atrasados: 3,50 €

NIB da ACMSA  
0010 0000 42510410001 59  
IBAN da ACMSA  
PT50 0010 0000 42510410001 59  
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão  
SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda  
Travessa Sá e Melo, 209  
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612  
Depósito Legal n.º 26.837/89

O MENSAGEIRO de Santo António  
é propriedade da ACMSA,  
entidade sem fins lucrativos

Estatuto Editorial  
<https://santoantonio.live/about/>  
Edição digital  
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:  
2.750 exemplares



Capa: Cerejeiras em flor no Ueno Park, em Tóquio, Japão. EPA / FRANCK ROBI-CHON. | Contracapa: O regresso do filho pródigo - óleo sobre tela de Bartolomé Esteban Murillo (Espanha, 1617 - 1682), Wikimedia Commons.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.



# Livra-nos do medo

A Redação

Quando Adão e Eva comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, deram-se conta que estavam *nus*, na sua relação com Deus, com os outros e com eles próprios. Quando Deus os interpelou, já o medo se tinha apoderado deles e, consequentemente, era preciso culpabilizar alguém (*A culpa é da China*, como diria Trump...). A narração mítica do Génesis quer ajudar-nos a entender por que a história da humanidade é marcada pelo *sofrimento*, pelo *trabalho penoso* e pelo *egoísmo*, quando o sonho de Deus é que seja marcada pela *felicidade*, pelo *trabalho criativo* e pela *solidariedade*.

Neste tempo emerge um medo particular, o *coronavírus*, que abrange todos os níveis da nossa existência e do nosso relacionamento pessoal, social, económico e político; e, como sempre, a reação primária é passar culpas e encontrar culpados.

*É absurdo dizer “parem de se preocupar” ou “não há motivo para entrar em pânico”, porque nunca há um bom motivo para entrar em pânico. O pânico – palavra que vem daquelas ovelhas que o deus Pan adorava assustar – está sempre ligado ao medo exagerado e incontrolável.*

Entrevista ao filósofo francês Pierre Zaoui, por Élodie Maurot, *La Croix International*, 16-03-2020

O jornalista Raul Gabriel escreve a este propósito no diário *Avvenire*:

*O medo não gera solidariedade e não nos torna melhores. O que acontece por medo, na quase totalidade, é ditado por um interesse pessoal, verdadeiro ou pensado como tal. Sob a sua alçada prolifera o carrossel dos defeitos humanos, prontos a retomar a centralidade na nossa existência logo que o medo passe para uma lembrança passada. (...) Só a aquisição de uma profunda consciência interior pode contrariar os efeitos nefastos do medo, no que diz respeito ao relacionamento com o outro.*

Não podemos controlar se iremos ficar doentes ou não. Podemos lavar as mãos (não esquecendo que há milhões de pessoas que não se podem dar a esse luxo) e devemos seguir as recomendações de higiene e segurança. Devemos preocupar-nos connosco e com os nossos, claro, mas também com os sistemas de saúde (que a maioria da população mundial não tem) e com o modo como os mais pobres sobreviverão a esta crise.

Apesar disso, não podemos colocar o valor da vida acima de tudo, pois existem valores maiores sem os quais a vida deixa de ser verdadeiramente humana: a proximidade com os mais frágeis, o dever de acompanhar os doentes e não abandonar os idosos. Mais do que valores evangélicos, são deveres universais.

Esta crise põe a nu não apenas a fragilidade da nossa vida, mas também a fragilidade da democracia, da economia, da justiça, da liberdade, da solidariedade, da saúde, da educação...

Estamos no meio de um desastre e, como nos diz o filósofo Pierre Zaoui, as pessoas adoram um desastre, pois ajuda-nos a esquecer os próprios problemas, a preencher o nosso tédio, a ver que todos sofremos e, portanto, a esquecer o nosso próprio sofrimento. No entanto, este desastre não nos deve desviar a atenção para o facto de que existem outros tão ou mais graves: a guerra na Síria, o aquecimento global, a pobreza.

Nesta quaresma-quarentena somos chamados a tomar consciência da nossa fragilidade, do nosso pecado e a acolher o Espírito de sabedoria, que Deus nos concede através de Jesus, o Filho do Homem “manso e humilde de coração”.

Então, a Páscoa acontece e os cristãos proclamam a esperança-certeza de que é possível vencer todos os vírus do mal, graças à nossa comunhão com Cristo, caminho, verdade e vida. ■



# O jejum a que não estávamos acostumados

Fabrizio Bordin

No *post* do mês passado conjuguei o tema do amor – escrevi no dia de São Valentim – com o da eutanásia, que o Parlamento se preparava a aprovar. Passou um mês e leio na página *Facebook* de uma jovem: “Ontem debatia-se a eutanásia, hoje estamos a lutar pela vida”.

O Covid-19 alterou tudo, da vida política à vida social, da vida laboral à vida comunitária, da vida paroquial à vida familiar. As nossas cidades, vilas, aldeias e bairros, sofreram uma reviravolta radical. Todos estamos virados do avesso. Obrigados a descobrir palavras com os seus sinónimos que tínhamos arrumadas nos arquivos e bibliotecas dos conven-

tos: quarentena, clausura, jejum, silêncio, isolamento, abstinência, escuta interior.

## CASAS EREMITÉRIO E CASAS CONVENTO

As nossas casas tornaram-se “eremitérios” para alguns – sobretudo as pessoas que vivem sozinhas, como os idosos –, e “conventos” para outros (convento vem de *cum-venire, vir ao encontro de*), descobrindo o valor da família e da comunhão.

A casa tornou-se espaço de trabalho, de refeição, de estudo, de diversão, de oração, de lazer, de comunicação com os de fora, de descanso. Tudo acontece em casa, porque lá fora está o inimigo: o vírus. Este vírus, tão temido e terrível, mandou parar o mundo, mandou-nos fazer um ensaio de vida diferente. Um jejum a que não estávamos acostumados.





**LEVE A SÉRIO**  
a ameaça do vírus

**FIQUE EM CASA**  
**LAVE AS MÃOS**  
muitas vezes

**NÃO ACREDITE EM TUDO**  
o que anda nas redes sociais  
**CONFIE SÓ NAS FONTES CREDÍVEIS**

**LEIA JORNAIS E REVISTAS PARA**  
**ESTAR INFORMADO COM SEGURANÇA**

UMA INICIATIVA



ASSOCIAÇÃO  
PORTUGUESA  
DE IMPRENSA

APOIO



DGS  
Direção-Geral de Saúde



VISAPRESS®  
Diretor de Ação Portuguesa

## AVISO

Continuamos a trabalhar, cada um em sua casa.

**Proteja-se a si e aos outros.** Faça o pagamento da sua assinatura por transferência bancária, sem sair de casa. Consulte todos os dados necessários na página 2. Se tiver dificuldade ou não tiver Internet, peça ajuda a um familiar ou amigo. Isto é particularmente importante para os assinantes fora de Portugal: os bancos não estão a aceitar cheques internacionais neste período.

Continuamos a atender o telefone e a responder às suas mensagens por via *email* ou postal. **Ligue-nos sempre que precisar, nem que seja apenas por que se sente sozinho(o), de segunda a quinta (manhã), das 10:00h às 12:30h:**

- 239 438 190 ou 965 082 476
- [mensageiro.assinantes@gmail.com](mailto:mensageiro.assinantes@gmail.com)

Pode acompanhar a **Eucaristia dominical** celebrada pelos nossos freis, todos os domingos, em direto da Igreja de Santo António dos Olivais, às 10:00 horas, em

<https://santoantonio.live> ou em  
<https://www.facebook.com/mensageiro.de.santo.antonio/>

**Mais informações e artigos em <https://santoantonio.live>**

Até jejum de vida na igreja: missas, sacramentos, catequese, festas, encontros, bar, reuniões, retiros, jornadas paroquiais, vicariais, diocesanas... tudo foi cancelado. Até a possibilidade de ter o confessor à mão para a confissão foi riscada do mapa. Faz-me lembrar a famosa canção *Azzurro* do famoso cantor italiano Adriano Celentano: *Azul. A tarde é tão azul... sozinho a passear... nem um padre para conversar.*

### **ESTAMOS A VIVER UM JEJUM QUE NÃO CONHECÍAMOS**

É verdade que existem as redes sociais, mas acho que ficamos tão cheios de *news*, de imagens, de vídeos, de piadas mistura-

das a contínuas recomendações... ao ponto de rejeitar tudo e carregar *delete*, dizendo **basta**. Como iremos sair deste *grande jejum*: de cafés, de escolas, de igrejas, de cinemas, de concertos, de teatros, de parques infantis, de estádios de futebol, de centros comerciais, de metro, de associação de bairro, de passeios culturais, de visitas de estudo, de peregrinações a pé, de procissões, de festas e arraiais, de almoços de amigos, de aniversários, de colegas de trabalho? E a listagem poderia continuar.

Não sei para onde nos levará este *jejum inesperado*. Não ousou fazer de profeta de ventura ou

desventura. Sobretudo por respeito de quem está a dar a vida e a perder a vida nesta hora tão difícil. Mas a verdade é que quando Jesus entrou no deserto, jejuou quarenta dias e quarenta noites, foi tentado e, no fim, saiu fortificado.

### **COMO SAIREMOS DESTA TEMPO DE PROVA?**

Uma funcionária do Centro Social da nossa paróquia que continua a dar apoio aos idosos colocou na porta da instituição a palavra esperança. Sim, esta é a esperança que temos: se vivermos unidos este momento de prova, seremos capazes de viver melhor amanhã quando acabar este grande jejum. ■





# Páscoa

## a límpida respiração do eterno

Manuel António Ribeiro

Jogos Olímpicos da Juventude de Inverno Lausanne 2020 em Leysin, Suíça. EPA / BOR MARTIN. À direita: Fresco “A Ressureição de Cristo”, de Michel Corneille, o Velho (1601-1664), na Igreja Saint-Nicolas-des-Champs, Paris | Wikimedia Commons.

Santo Agostinho definiu a Esperança como o primeiro desejo profundo de felicidade, comum a todos os seres humanos.

A Páscoa faz elevar esse anseio ao seu mais límpido esplendor, assim explicado pelo irmão Roger, de Taizé:

*Em todo o homem encontra-se uma zona de solidão que nenhuma intimidade humana pode preencher. É aí que Deus nos encontra. É aí, nessa zona profunda, que se situa a festa íntima de Cristo Ressuscitado.*

Esta intimidade festiva permitiu à irmã Emmanuelle (conhecida por ter sido uma outra Madre Teresa de Calcutá junto dos mais pobres do Cairo), deixar-nos um enternecido testemunho de fé, pouco antes de morrer, em 2008: “Vejo a morte como o movimento da criança que se atira para os braços do seu pai”.

Cada um de nós é uma *gota pensante* (assim nos definiu Pascal), condição que nos permite verificar que as efémeras experiências de felicidade na terra têm todas o sabor de uma morte anunciada. Sabemos que vai chegar o momento em que já não mandaremos em nada nem possuiremos nada.

Contudo, a festa da Páscoa faz-nos contemplar o abismo do nosso nada aberto ao abismo do Tudo, quando a pequena gota do nosso ser imergir no grande oceano do Amor.

A lucidez poética de Sophia Andresen ajuda-nos a perceber que “aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo”.

A força subversiva da Esperança pascal só ganhará todo o seu vigor, se nos fizer empenhar na construção de vidas ressuscitadas, diante de tantas manifestações da morte.



A fé cristã estimula a empenhar-nos com mais ardor na cura das feridas do mundo, tantas vezes ameaçado pelo desespero e por um pessimismo crescente.

Tal como fez a Tomé, Cristo vivo pede que o toquemos no corpo chagado das vítimas de todas as violências (cfr Jo 20,21). Precisamos de ter uma clara consciência destas realidades que ensombram o mundo, acreditando, contudo, que Cristo “ressuscita a nossa esperança criativa”, como nos lembrava o Papa na homilia da Vigília Pascal de há dois anos, depois de nos ter feito este convite na Alegria do Evangelho:

*Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida, que nos impele para diante!*

E.G., 3

As narrativas evangélicas da Ressurreição dão conta de que tinham ficado no sepulcro marcas visíveis do poder da morte. As ligaduras que tinham embrulhado o corpo de Cristo mostravam que Ele abriu a vida humana à respiração do eterno, depois de ter experimentado na sua humanidade a violência do mal na sua máxima crueza.

O Papa testemunhou-nos na referida homilia que “a pedra do sepulcro gritou e pelo seu grito anunciou a todos um novo caminho”, insistindo, na sua audiência geral do passado 26 de Fevereiro, que “Deus, para doar-se a cada um de nós, escolhe muitas vezes caminhos impensáveis, provavelmente os dos nossos limites, das nossas lágrimas, das nossas derrotas”.

Num poema a que deu como título *As Fontes*, Sophia Andresen faz esta inspirada viagem:

*Um dia quebrarei todas as pontes  
Que ligam o meu ser, vivo e total  
À agitação do mundo do irreal,  
E calma subirei até às fontes  
(...)  
onde mora  
A plenitude, o límpido esplendor.*

A Páscoa é a viagem até essas fontes, onde poderei “beber a luz e o amanhecer” e onde se há de cumprir “todo o meu ser”.

A força subversiva  
da Esperança Pascal  
só ganhará  
todo o seu vigor,  
se nos fizer empenhar  
na construção  
de vidas ressuscitadas,  
diante de tantas  
manifestações da morte.

A luz resplandecente da madrugada da Ressurreição tornou a nossa vulnerável humanidade habitada pela plenitude da divindade e é essa inenarrável Boa Notícia que ajudará a vencer aquilo que ainda mantém a nossa esperança no sepulcro.

Sem essa presença luminosa, o anúncio da Páscoa não passará da dessorada proclamação de um sonho adiado, incapaz de irradiar para o mundo uma alegria contagiante. ■







# A Economia de Francisco

Idalino Simões

A realização do encontro de Assis foi adiada para 19 a 21 de novembro de 2020.

Conforme afirma o professor de Economia Ricardo Zózimo, isso faz com que

*a energia seja “redobrada” entre os participantes. Isso dar-nos-á mais força: pessoas que não podiam ir, agora podem juntar-se a novos movimentos; pessoas que não puderam organizar-se a tempo, poderão participar em atividades que vamos organizar até lá... A nossa energia será redobrada com o adiamento.*

*Diálogos com António, em Coimbra,  
1 de março de 2020*

Este adiamento irá aumentar as possibilidades de uma melhor preparação nos diferentes países, (estão cerca de 3.300 inscritos) e é uma oportunidade para uma viagem às intervenções do Papa Francisco que estão na base do seu convite aos jovens empresários e economistas para um encontro sobre a economia.

## A LAUDATO SI’ COMO PONTO DE PARTIDA

No n.º 13 da Encíclica o Papa esclarece o seu apelo:

*O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar.*

No n.º 194 afirma:

*Para que apareçam novos modelos de progresso, precisamos de converter o modelo de desenvolvimento global e isto implica refletir responsabilmente “sobre o sentido da economia e dos seus objetivos, para corrigir as suas disfunções e deturpações”.*

Ao fazer este convite o papa cita a mensagem para o dia mundial da paz de 1 de janeiro de 2010, de Bento XVI.

## COMO OPERACIONALIZAR ESTE DESAFIO?

Nas suas várias intervenções o Papa retoma a esquecida “opção preferencial pelos pobres” e procura que esta opção não se restrinja a palavras, mas vá ao



encontro das transformações que essa opção sugere. Mais do que noutros espaços é no Encontro dos Movimentos Populares que a sua palavra é mais direta e acutilante. Neste período de espera para o encontro de Assis, enquanto se preparam as delegações de cada país, gostaria de recordar a palavra do Papa em três desses encontros.

### 1º ENCONTRO, EM ROMA, A 28 DE OUTUBRO DE 2014

*Não se pode enfrentar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que só tranquilizam e transformam os pobres em seres domesticados e inofensivos...*

*Este nosso encontro responde a um anseio muito concreto, a algo que qualquer pai, qualquer mãe, quer para os próprios filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais distante da maioria das pessoas: terra, casa e trabalho. É estranho, mas se falo disto, para alguns, o Papa é comunista. Não se compreende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, casa e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho, é a doutrina social da Igreja.*

### 2º ENCONTRO, EM SANTA CRUZ DE LA SIERRA, BOLÍVIA, 9 DE JULHO DE 2015

*A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: os famosos três “T”: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.*

1. Em primeiro lugar, **comecemos por reconhecer que precisamos duma mudança.** Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco.

#### 2. **Vós sois semeadores de mudança**

*É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, vos dê alegria, vos dê perseverança e paixão para continuar a semear.*

### 3.1 A primeira tarefa é **pôr a economia ao serviço dos povos**

*A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum... Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, “prosperidade e civilização em seus múltiplos aspetos”.*

### 3.2 A segunda tarefa é **unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça**

*Se queremos realmente uma mudança positiva, temos de assumir humildemente a nossa interdependência, ou seja, nossa sã interdependência...*

### 3.3 E a terceira tarefa, e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é **defender a Mãe Terra**

*O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança.*

### 3º ENCONTRO, EM ROMA, A 5 DE NOVEMBRO DE 2016

Neste encontro o Papa sublinha dois aspetos que não podem ser esquecidos num processo de transformação:

*Então, quem governa? O dinheiro. Como governa? Com o chicote do medo, da desigualdade, da violência financeira, social, cultural e militar que gera cada vez mais violência numa espiral descendente que parece infinita. Quanta dor e quanto medo!*

*Este sistema atrofiado é capaz de fornecer algumas “próteses” cosméticas que não constituem verdadeiros desenvolvimentos: crescimento da economia, progressos tecnológicos, maior “eficiência” para produzir coisas que se compram, se usam e se abandonam, englobando-nos todos numa vertiginosa dinâmica do descarte... Mas este mundo não permite o desenvolvimento do ser humano na sua totalidade, o desenvolvimento que não se reduz ao consumo, que não se limita ao bem-estar de poucos, que inclui todos os povos e as pessoas na plenitude da sua dignidade, desfrutando fraternalmente da maravilha da criação. ■*





# Connosco e no meio de nós

*Juan Ambrosio*

No momento em que escrevo estas linhas encontro-me em casa como tantíssimas outras pessoas por esse mundo fora. Ninguém imaginava há pouco tempo atrás que esta situação pudesse ser possível. Assistimos completamente espantados a tudo o que está a acontecer e, com ansiedade, aguardamos os números que os países vão divulgando, de modo a tentar perceber o evoluir da situação.

Como é possível que algo que tenha surgido num local de um país tão longe do nosso possa ter paralisado, não só aquele território, como praticamente todo o mundo? Como é possível que o mundo, como nós o conhecemos, de repente, se veja tão afetado e transformado? Eu não sei as respostas para estas perguntas. Parece até que neste momento ninguém sabe bem.

Sei, porém, que elas são importantes na medida em que o conhecimento das causas nos poderá ajudar a encontrar as soluções. Mas sinceramente também penso que não nos podemos concentrar só no conhecimento das causas, pois neste momento, é urgente assumirmos atitudes e estilos de vida, que nos ajudem a lidar com a situação.

## INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO À VELOCIDADE DO VÍRUS

Perante o que está a acontecer tenho ouvido tanta informação (apetecia-me dizer também desinformação) que me interrogo sobre a real utilidade de tal quantidade. Não tenho a menor dúvida de que a informação, a mais correta possível e a mais fidedigna possível, é verdadeiramente essencial neste momento, mas o que está acontecer vai muito para além disso, e, constantemente, somos inundados, nas diversas redes sociais que frequentamos, com notícias, comentários e opiniões, que são, depois, multiplicados a uma velocidade equivalente à do vírus.



Da minha parte já decidi que me concentrarei naquela que as autoridades sanitárias forem revelando, deixando o mundo da mera opinião e do ‘acho que’ para outro plano. Se tenho de escolher em quem confiar, decido fazê-lo naqueles que estão investidos de legitimidade, autoridade para realizar uma missão nesse campo, mesmo sabendo que, nesta situação tão desconhecida, podem nem sempre acertar, nem fazer da maneira mais perfeita.

### TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Também por isso me recuso em alinhar nas teorias da conspiração, venham elas de onde vierem, procurando encontrar responsáveis e justificações para atitudes e decisões que, de outro modo revelariam a sua total inconsistência.

### CASTIGO OU COMPAIXÃO?

E porque sou crente, digo também que me recuso em aceitar aquelas explicações que querem ler a situação atual como sendo o resultado do castigo de Deus, devido à nossa maneira de viver. No Deus que Jesus Cristo revelou não sou capaz de encontrar nenhum traço que aponte nessa direção. Pelo contrário, acredito profundamente que, neste momento, conosco e no meio de nós, está a sustentar-nos e a inspirar-nos para que saibamos responder aos desafios que enfrentamos.

Sim, acredito que não estamos sozinhos; acredito que não estamos abandonados. Se estivermos atentos aos traços da sua presença, certamente vamos descobrir como nos está a amparar e impulsionar, não para fazer as coisas acontecer magicamente, mas para que nós, cada um de nós, saibamos, com coragem, fazer aquilo que temos de fazer, não podemos deixar de fazer e ninguém, nem mesmo Ele, atrevo-me a dizer, pode fazer por nós.

### REDES DE ATENÇÃO E CUIDADO

E os traços estão aí. Um número, cada vez maior de pessoas, começa a organizar-se e a fazer propostas, começa a construir outras redes de atenção e cuidado. Apesar de ainda haver quem insista em promover a solução do ‘cada um por si’

(seja a nível individual ou ao nível dos estados), todos já vamos percebendo que a solução não passa por aí, mas sim pela procura e promoção do bem comum e pelo cuidado do outro.

A este nível os cristãos e as comunidades cristãs têm um papel indispensável a desempenhar. De facto, a promoção do bem comum e o cuidado do outro são notas distintivas da sua identidade.



Cada um, mesmo em sua casa, utilizando todos os meios de que dispõe, pode ir fazendo alastrar esta outra rede de solidariedade e de fraternidade humana, dando uma especial atenção a aqueles que, também nestas ocasiões, são os mais esquecidos.

Não conheço bem as causas desta situação, mas sei que quanto mais nos unirmos, procurando o bem comum e cuidando uns dos outros, tanto mais rapidamente saberemos enfrentar e ultrapassar os desafios. Sei também que podemos aproveitar esta ocasião para depois repensarmos os nossos estilos de vida. E acredito, repito, que nisto não estamos sozinhos. ■



# A terra pertence ao Céu

*Inês Espada Vieira*

Abro o *Word* no computador e começo, como habitualmente, por gravar o documento: 039\_Os pés na terra\_abril2020. Desta feita, o nome do documento permaneceu na minha mente em vez de ser apenas mais um movimento rápido dos dedos nas teclas e um clique do indicador no botão esquerdo do rato.

Os pés na terra. Quando pensei no nome a dar a este espaço, fi-lo como uma pequeníssima provocação (antes de tudo a mim mesma), como uma pro-

posta que pudesse esticar a tensão entre “as coisas do alto”, as coisas de Deus, e aquilo que nos puxa para o prosaico, para a quotidianidade, porventura distante do céu. Fi-lo também a pensar que só esse poderia ser o meu contributo, que sei pouco da realidade quotidiana, mas menos ainda de desafios espirituais elevados (e quão importantes são!), convencida – sem me enganar – de que a revista Mensageiro de Santo António tinha já o espaço e as vozes mais avisadas nos temas do Espírito.

A ingenuidade, não sendo propriamente uma virtude, é uma palavra reconfortante quando nos avaliamos. Que ingenuidade pensar em separar a terra do céu!

É evidente que a terra pertence ao Céu e que o Altíssimo se encontra em experiências chãs do dia-a-dia, no arrumar a casa (abril, 2018), na carta a uma amiga (dezembro, 2017) ou na alegria do junho (junho, 2016), por exemplo.

Ao longo destes quatro anos, procurei escrever tanto sobre temas banais como sobre temas de excecionalidade e urgência. Tenho tentado trazer a estas linhas, que são lidas com paciente generosidade, algumas reflexões que possam ajudar-nos a fincar, com inteireza e consciência, os pés na terra.

**SENTIR OS PÉS, SENTINDO A TERRA EM QUE VIVEMOS,  
EM QUE NOS ERGUAMOS, EM QUE CAMINHAMOS, QUE  
PARTILHAMOS COM O OUTRO.**

As fotografias do meu amigo Pedro Barros (sobre cujo trabalho escrevi um pouco no artigo de julho de 2017) foram certamente uma inspiração para o título, para a ideia do que queria fazer nestas páginas.

Falo de uma série de fotografias dos pescadores da Meia-Praia, em Lagos, a puxar as redes de cerco para a areia, calças arregaçadas, pés descalços na beira-mar.

Nessas fotos a preto e branco (2008), como noutras da mesma arte Xávega, interpela-nos a força das pernas, o esforço dos rostos e o contraste luminoso dos cinzentos em que podemos ver o sol brilhar. O Pedro batizou a série com o nome “Pés na terra” e, embora inconscientemente na altura, hoje tenho a certeza de que este título ecoou na minha cabeça na hora de começar a escrever no Mensageiro de Santo António. Muitas vezes antes de começar a escrever penso nesses pés, nessa terra, e no trabalho desses homens.

Também penso nos pés (e no corpo encolhido) da jovem refugiada deitada na terra molhada da fotografia que foi o mote do primeiro texto desta coluna, em abril de 2016, e que se chamou justamente “Os pés na terra”.

Penso muitas vezes nos pés, na terra, e em como temos de ter a cabeça no ar, disposta a sonhar, o coração ao alto, os braços erguidos aos céus como o crente do poema “Desejos vãos”, de Florbela Espanca. Porque é evidente que a terra pertence ao Céu.

**QUE FAREI  
QUANDO TUDO ARDE?**

E penso em tudo isto e noutros sobressaltos que, no dia em que escrevo, quase se resumem ao nome de um vírus e do que ele exige de nós. São tempos de perturbação,

momentos de desnorte, ensaios perante o desconhecido, o habitual que se esvanece, o estado de exceção que se instaura. É uma oportunidade única de superação. Como indivíduos e como sociedade.

O último verso do poema *Desarrezoado amor, dentro em meu peito*, de Sá de Miranda (1481-1558), traz uma pergunta: “[...] Que farei quando tudo arde?” Uma pergunta que há quinhentos anos se repete, e que hoje me faz chamar a terra aos pés, para que eles não percam a virtude da verticalidade e para que sejam para nós sinal palpável e evidente de que a terra pertence ao Céu.

No momento grave em que tudo arde lá fora, em que mãos amorosas amassam este número da revista para que possa ser pão, procuremos sentir os pés na terra, inspirar fundo, deixar-se tocar pelo Espírito da Páscoa que é renovação.

E porventura começar um outro caminho. ■



Fotos de Pedro Barros: Meia-praia, Lagos, 2008.



Em cumprimento das disposições legais em vigor (Lei nº 2/99, “Lei de Imprensa”, de 13 de janeiro), a Associação Cultural Mensageiro de Santo António, proprietária desta revista, publica a “Demonstração de Resultados”, referente ao exercício do ano de 2019, bem como o seu Estatuto Editorial, que se encontra também em <https://santoantonio.live/about/>.

Aproveitamos a ocasião para agradecer a todos os nossos leitores que pontualmente pagam a sua assinatura e, tantas vezes, mesmo no meio de dificuldades, encontram forma de enviar um pouco mais, ajudando assim aqueles a quem a revista chega gratuitamente, em África, nas prisões e a tantos idosos, quando a pensão não dá para tudo.

## DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS 2019

| RENDIMENTOS E GASTOS                                                       | NOTAS | DATAS            |                  |
|----------------------------------------------------------------------------|-------|------------------|------------------|
|                                                                            |       | N                | N-1              |
| Vendas e serviços prestados                                                |       | 36,442.61        | 43,480.47        |
| Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas                   |       | -15,932.68       | -20,391.80       |
| Fornecimentos e serviços externos                                          |       | -22,541.44       | -21,801.98       |
| Gastos com o pessoal                                                       |       | -10,576.62       | -10,031.40       |
| Outros rendimentos e ganhos                                                |       | 9,985.74         | 10,103.26        |
| Outros gastos e perdas                                                     |       | -766.37          | -357.16          |
| <b>Resultado antes de depreciação, gastos de financiamento e impostos</b>  |       | <b>-3,388.76</b> | <b>1,001.39</b>  |
| Gastos / reversões de depreciação e de amortização                         |       | -2,500.14        | -2,500.14        |
| <b>Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)</b> |       | <b>-5,888.90</b> | <b>-1,498.75</b> |
| Juros e rendimentos similares obtidos                                      |       | 0.00             | 0.00             |
| Juros e gastos similares suportados                                        |       | 0.00             | 0.00             |
| <b>Resultado antes de impostos</b>                                         |       | <b>-5,888.90</b> | <b>-1,498.75</b> |
| Imposto sobre o rendimento do período                                      |       | -575.78          | -784.24          |
| <b>Resultado líquido do período</b>                                        |       | <b>-6,464.68</b> | <b>-2,282.99</b> |

## ESTATUTO EDITORIAL

- 1 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO é uma revista de periodicidade mensal, de informação geral, que tem como objectivo prioritário tratar a atualidade portuguesa à luz da herança cultural do primeiro português de dimensão universal: Fernando de Bulhões, Santo António de Lisboa.
- 2 As páginas do MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estão abertas a todas as áreas da vida atual, da política ao desporto, da economia à religião, sempre numa dimensão de respeito pela dignidade humana, com forte componente de informação regional, centrada no eixo Coimbra-Visau.
- 3 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume com particular empenho o facto de ser meio de contacto entre os portugueses residentes em Portugal e os que se encontram espalhados pelo Mundo. Também os naturais dos países africanos de língua oficial portuguesa, unidos a nós por séculos de história comum, estão na primeira linha das preocupações editoriais da revista.
- 4 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estimula nas suas páginas o debate de ideias, numa perspectiva de formação global do ser humano. Ao mesmo tempo, quer através de iniciativas próprias, quer apoiando projetos de outras instituições, pretende assumir-se como espaço de referência das publicações portuguesas de inspiração cristã.
- 5 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO – através de secções permanentes, que vão desde a leitura da situação do homem na sociedade em que vivemos até ao acompanhamento regular dos acontecimentos da cultura – está atento à realidade portuguesa, fornecendo dados que permitam ajudar o leitor a lê-la e contribuindo para formar uma autêntica opinião humanística.
- 6 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume finalmente o compromisso de “respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação”.





# Diálogos com António 2020

1

## A força da Palavra

  
**Jubileu**  
COIMBRA  
1220-2020  
DOS MÁRTIRES DE MARROCOS  
E SANTO ANTONIO

Coordenação: Juan Ambrosio



# A construção do ser humano (de António) mediante a palavra

Juan Ambrosio

Foto da nebulosa NGC 6302, na Via Láctea, a cerca de 3800 anos luz da constelação Escorpião, tirada do telescópio espacial Hubble. Foto NASA, ESA, Hubble SM4 ERO Team.

No momento do seu nascimento o ser humano é um projeto aberto a inúmeras possibilidades. O seu destino não está traçado, nem sequer aquilo que lhe é mais próprio, a sua identidade, está definitivamente adquirida. A sua existência, como homem ou mulher, requer uma constante atividade, através da qual vai construindo a sua condição humana. Neste sentido, uma das notas que melhor o caracteriza é a sua permanente condição de aprendiz.

A capacidade de falar, de expressar e de se expressar, constitui uma das características fundamentais da condição humana. O mundo verdadeiramente só se torna o seu mundo à medida que vai sendo capaz de dizê-lo, do mesmo modo que a sua vida se humaniza à medida que vai sendo por ele expressada. A passagem do *caos* ao *cosmos*, em todos os níveis da sua existência, só é possível mediante o uso da palavra. De facto, todos sabemos por experiência, que aquilo que, de algum modo, não somos capazes de dizer, nunca chega a ser verdadeiramente assumido e feito nosso.

A existência humana exige, nesta linha, um constante processo de *empalavramento*, ou dito de outro modo “para o ser humano, só existe o que, directa ou alusivamente, é capaz de expressar, de empalavrar” (Lluís Duch, *Notas para una antropología de la comunicación*, in *Estaciones del laberinto. Ensayos de antropología*, Herder, Barcelona, 2004, 109).

O facto de falar não é, pois, algo de marginal ou secundário no humano. A sua capacidade *linguística* e *adverbial* está, para ele, intimamente relacionada com a qualidade da sua humanidade. Por aquilo que podemos chamar o *bom uso da palavra* o homem e a mulher podem percorrer o caminho da sua humanização.



Pelo contrário, o caminho da desestruturação é uma realidade que advém a partir do *mau uso da palavra*. Todo este processo revela uma *predisposição responsorial* no ser humano, que surge como fazendo parte da sua constituição. O mundo que o rodeia e a sua própria existência, constantemente o interpelam exigindo uma resposta, que pressupõe a sua capacidade para aprender as várias linguagens com que se diz o humano. Só porque pode aprender essas linguagens, pode responder.

### **PORQUE FALAMOS, PODEMOS CRIAR CAMINHOS DE HUMANIZAÇÃO**

Ao longo de todo o percurso da sua existência o ser humano não pode, pois, prescindir da dinâmica que impõe toda a circulação da palavra realizada mediante as diversas transmissões. A *competência linguística* é coextensiva à sua existência no mundo, devendo ser entendida “como o conjunto de expressividades que se encontram à disposição do homem como aquele ser que pode ser qualificado de falante por excelência” (Lluís Duch, *Símbolo y ambigüedad humana*, in *Estaciones del laberinto*, 23, nota 14).

Tudo isto começa no próprio momento do nascimento. É a partir desse preciso momento que começa a progressiva instalação da criança no seu mundo e a construção da sua identidade. Das *semânticas cordiais* que for desenvolvendo e das *competências gramaticais* que for adquirindo depende em grande medida o seu futuro.

Da sua capacidade de falar e de ouvir muito depende o rosto, que vai edificando, da sua humanidade. A palavra não é neste sentido, um simples som, imagem ou conceito, um simples conjunto de dicções sem grande incidência na configuração da vida quotidiana, pelo contrário, pela palavra ele vai edificando essa quotidianidade e abrindo-a a todos os horizontes de possibilidade. Para ele falar é viver e a vida do *falante*, que é por excelência o ser humano no concreto da sua história pessoal, constitui-se essencialmente através das relações responsáveis com os outros ou seja através do diálogo. A construção humana de cada um passa essencialmente por este diálogo, por esta capacidade de falar e ouvir, a partir da qual se vai edificando a si e ao seu mundo.

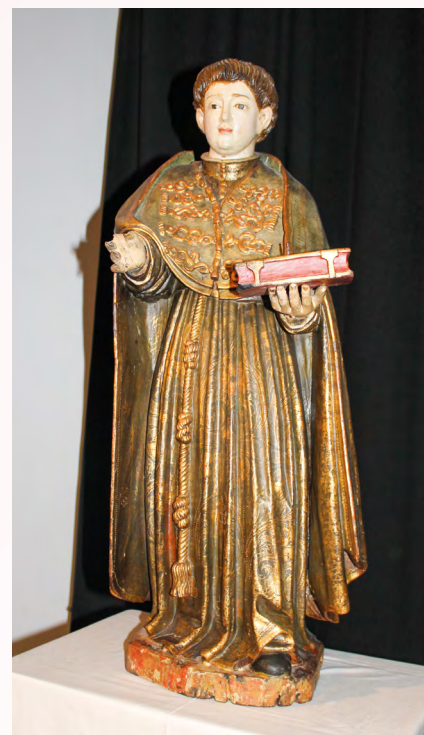
A importância da palavra e da dicção como elemento distintivo e estruturante do humano é, também, sublinhada no âmbito do religioso. Tanto no campo da oralidade, como no campo da escrita, as religiões têm sido, de facto, intermináveis exercícios com as diversas modalidades da palavra humana.

### **NO PRÍNCÍPIO ERA A PALAVRA (VERBO)**

No contexto do cristianismo, por exemplo, a palavra é utilizada para se referir ao próprio mistério de Deus: “no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1)”. E esta palavra que era no princípio é uma palavra criadora. É por ela que todas as coisas são feitas.

O texto do Génesis testemunha-nos de uma maneira maravilhosa este falar criador de Deus. O *caos* transforma-se em *cosmos* através do dizer de Deus: Deus diz e a realidade acontece. O próprio ser humano é uma palavra que Deus diz. E a palavra é também o atributo mais significativo que Deus concede ao ser humano, o qual é criado à sua imagem e semelhança.

O paralelismo é claramente evidente: ele foi criado pela palavra de Deus, mas tem de concretizar diariamente o seu ofício de ser homem e mulher através do contínuo exercício da palavra. Tal como o *caos* do início se transforma em ordem através da Palavra Criadora, também o ser humano transforma o mundo sem mais, num mundo por ele habitado (mundo humano) através do exercício criador da sua palavra.



Santo António, Igreja de São Francisco, Lamego, Foto MSA 2016.





Convento/Igreja de Santo António dos Olivais, Coimbra: Exterior da capela de Santo António, edificada no sec. XIX, no local onde teria sido a cela do Santo. Foto MSA.

### ANTÓNIO ESTUDIOSO E OUVINTE DA PALAVRA

Foi exatamente este exercício que Fernando Martins de Bulhões (António) fez ao longo da sua vida. Do estudo e da escuta da Palavra – palavra escrita na forma da Sagrada Escritura e Palavra ouvida e intuída no exercício da oração – foi surgindo um diálogo que foi transformando o seu mundo. A partir desse diálogo foi edificando o seu ser homem crente e foi procurando o sentido para a sua existência e para a sua ação. Foi mesmo a partir desse diálogo que foi orientando os passos concretos do seu viver.

Foi por causa desse diálogo que se dirigiu, primeiro, ao Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, onde começa a desenvolver o seu estudo, seguindo, depois, para o Mosteiro de Santa

Cruz, em Coimbra, onde é ordenado sacerdote e continua a desenvolver o seu trabalho e reflexão.

É também à luz dessa palavra estudada e rezada que Fernando Martins de Bulhões lê e vive, em fevereiro de 1220, a chegada das relíquias dos cinco missionários franciscanos martirizados em Marrocos, tomando a decisão de juntar-se aos franciscanos e de partir para as missões, trocando o mosteiro de Santa Cruz pelo ermitério de santo Antão dos Olivais e assumindo o nome de António.

Essa é a força transformadora e vivificante da Palavra na vida de António. Essa tem também de ser a força vivificante e transformadora da Palavra na vida de todos os cristãos e das suas comunidades. É isso também que queremos celebrar neste Jubileu 2020, onde não lembramos apenas um acontecimento importante do passado, mas queremos sinalizar a força da Palavra na condução da vida e na construção do mundo. ■



Santo António prega da nogueira. Fresco de Annigoni Pietro, nave central da Basílica de Santo António. Foto de Deganello Giorgio, Arquivo Messaggero di Sant'Antonio.

À direita: Fresco no tecto da capela de Santo António, Madre de Deus, Lisboa. Foto XAN 2012.

# SANTO ANTÓNIO E A PALAVRA

*José Carlos Carvalho*

Em Santa Cruz, nos oito anos que por aqui passou, frei António seguia o método da altura no ensino – o método da Universidade de Paris. No que diz respeito à Escritura, era comum interpretar a Bíblia em três direções, em três âmbitos: na *lectio*, na *disputatio* ou na *praedicatio*.

Santo António dispunha aqui de muitos códices medievais da Escritura para compor os seus sermões. Santo António utilizou a versão latina da Vulgata, mas sobretudo as bíblias glosadas, especialmente a de Nicolau de Lyra.

Santo António citou mais o Antigo Testamento do que o Novo, pois também combateu os albigenses e os cátaros – essa espécie de reedição marcionita da alta idade Média que colocava em causa o Deus do antigo Israel opondo-o ao Deus de Jesus Cristo, como se fossem diferentes. Os livros do Antigo Testamento mais citados são Isaías, os Salmos, Job e os Génesis; no Novo Testamento Lucas, Mateus, João, Marcos, Apocalipse, 1 Cor, Atos e Romanos. Só a segunda e a terceira Carta de João e o bilhete a Filémon é que nunca são citados.

Santo António cita a Escritura pela sua autoridade inspirada: como livro inspirado inspira a reconstruir a relação e a vida com o Senhor da vida e da natureza. Recorre a vários símbolos da natureza e cita muitos outros autores para lá do texto bíblico. Muitas vezes interpreta em registo de alegoria para moralizar e ensinar os seus ouvintes. Na noemática bíblica privilegiou o sentido espiritual dos níveis anagógico, tropológico e alegórico.

Para Santo António, as criaturas são palavras vivas do Criador. Por isso, parte do livro aberto da natureza para a Bíblia propriamente dita, sendo que a primeira é ela mesma um livro aberto, uma bíblia, pois Deus está presente nas suas criaturas. Assim, a natureza é um lugar teológico, é um espaço e um tempo da revelação de Deus: é um conjunto de palavras de Deus ou sobre a beleza do Deus criador perfeitamente compaginável com a Palavra da Revelação. Esta compaginação insere-se assim no estilo da exegese antoniana – uma exegese que também aqui é uma exegese de concordância. Depois de buscar a semântica das palavras, Santo António busca o respectivo sentido espiritual.



De seguida justifica isso com uma exegese que tenta pôr em acordo diferentes textos, diversas passagens. Estamos, portanto, diante de uma exegese que poderíamos chamar espiritual, inspiradora, naturalmente crente, sem as preocupações da leitura crítica histórica que se começará a desenvolver poucos séculos mais tarde.

## **A sermonaria antoniana apresenta uma estrutura simples tripartida:**

a) no início do sermão Santo António apresenta alguns dos temas que vai aprofundar a seguir, extraíndo-os de alguns dos textos da liturgia dominical ou do livro da liturgia das horas; começa na maior parte das vezes por escolher um conceito ou temática do Antigo Testamento, o qual vai desenvolver a seguir através de várias *distinctiones* (*distinções*);

b) no corpo propriamente dito do sermão, aplica a metodologia exegética mais comum desde os inícios da Idade Média: a exegese espiritual ou alegórica, muito desenvolvida pela escola de Alexandria a partir de S. Clemente e, sobretudo, de Orígenes, buscando, à maneira agostiniana o chamado *sensus plenior* (*o sentido ou interpretação dos textos*);

c) na última parte apresenta um conjunto de exortações morais ao ouvinte dos seus sermões, o que cunha os seus sermões com um forte sentido moralista à boa maneira dos comentários dos Padres da Igreja ou dos autores medievais. ■





Santo António prega da nogueira, pormenor do ícone de Santo António, de Andrea Trebbi, Basílica de Santo António, Pádua, Itália.

## DIMENSÕES E CONTEXTO DA PALAVRA EM ANTÓNIO

Fr. José António Correia Pereira

A força da Palavra é tema a considerar de vários ângulos. A Palavra, independentemente dos códigos que usa, é condição não só de comunicação, mas da relação humana.

Nesse sentido, é condição do existir (*ex-essere*), do ser para fora, do ser para os outros.

Não há relação sem linguagem, sem palavra, sem códigos que possibilitem a comunicação. O *palavreamento*, como dizia um dos participantes da Mesa Redonda, torna possível o ser para, o existir. Toda a gramática da vida se conjuga nesse *palavreamento*, absolutamente crucial. É na Palavra que eu me exponho, que me revelo, num desafio permanente de busca de interlocutor e de resposta, que de alguma forma me dá possibilidade de eu existir. Como dizia Emmanuel Levinas, “eu sou o outro lado do outro”.

É o outro que me tira da solidão de ser, que me dá possibilidade de existir.

A Palavra ganha outra dimensão, quando vem do lado de lá, quando o Divino entra em relação com o ser humano e pede resposta. Quando o Divino procura relação (e é sempre o Divino que procura e dá o primeiro passo). Se o totalmente Outro fala, do lado de cá só pode haver uma atitude: escutar. Estamos no campo da fé.

Para Abraão e todos os crentes o primeiro verbo da fé é: escutar. Perante Deus que fala (seja qual for o código que usa: palavras, acontecimentos, a vida, a história), o crente obedece e segue os caminhos que ele nem sabe para onde o levam: Abraão deixa a tua terra e vai. Escutar, deixar, sair e ir para onde a Palavra me envia, são os verbos da fé que o crente tem de aprender a conjugar na primeira pessoa.

Por mais paradoxal que pareça, o que escuta, o crente, numa atitude de obediência (*ob-audire*: ouvir o que vem de fora) tira Deus da sua solidão. Nós acreditamos num Deus que fala para nós, um Deus conosco (Emanuel). Somos monoteístas de um Deus de proximidade (ao contrário de outros monoteísmos), tão próximo que se revelou, se comunicou com os códigos humanos. É Hubaut, especialista da espiritualidade franciscana, que afirma: “Jesus Cristo é Deus através do humano”. É a PALAVRA que se fez carne, história, proximidade.

A força da palavra de António de Lisboa revela-se num contexto de grandes mudanças epocais. Estamos na passagem do Feudalismo para a cultura das cidades, na passagem de uma sociedade eminentemente vertical e classista, para uma sociedade participativa, fraterna, com ânsias de liberdade, uma sociedade em ação e movimento, muito diferente da sociedade estável e fechada do Feudalismo.

A cristandade, longe dos feudos e da Igreja feudal sem capacidade de dar uma resposta evangélica aos novos tempos, descobriu a riqueza da Palavra, da Bíblia que veio para o meio da sociedade através de pregadores ambulantes pertencentes aos Movimentos Pauperísticos que anunciavam a Palavra em vernáculo, tanto homens como mulheres, muitas vezes com críticas contundentes à Igreja e à hierarquia. As heresias eram o perigo permanente.

Dentro deste movimento, Francisco e Clara representavam o grupo tão radical como os outros, mas sempre confiando na santa Madre Igreja onde foram procurar aprovação para anunciar a Palavra.

Santo António, o doutor de Santa Cruz de Coimbra, com a melhor bagagem científica própria da época como é visível nos Sermões, conhecedor (de cor - *par coeur*) da Bíblia, foi escolhido por Francisco como primeiro teólogo da Ordem Franciscana e pregador “oficial” da Igreja, para catequizar o povo cristão e combater toda a espécie de heresias, com a força da sua palavra. ■

## SENTIDO E DESTINO DA PALAVRA EM TEMPO DE DOENÇA

António Carlos Cortez

(professor, poeta, crítico literário, ensaísta)

*Texto escrito em tempo de clausura porque um vírus está infectando a humanidade, abrindo brechas definitivas nos muros das nossas certezas de homens-donos-do-mundo. Escrito em jeito de testemunho, como quem, tendo de pensar sobre a linguagem, procura uma frase que faça sentido nesta época que rompe com a globalização feliz e os seus pressupostos económicos e políticos.*

“Um pensamento é uma frase impossível”.

Pierre Alfieri, Procurar uma frase, Vega, Lisboa, 1999, p. 39.

Podemos ter chegado ao fim. Verdadeiramente ao fim. A que espécie de fim? As seguranças do século dão lugar às inseguranças de uma época virtual, telegénica, líquida, no sentido que lhe dá Zygmunt Bauman. Do Estado Social à sustentabilidade dos serviços de saúde; da Escola Pública às profissões liberais, tudo parece agora estar condenado a formas novas de empregabilidade à distância ou privatização dos modos de produção. Em rede, fazendo teletrabalho, funcionando como rizoma invisível que dilui o contacto humano, o fim a que se chegou deriva do ponto de tecnologia avançada que, como em nenhum outro momento da História, desumanizou o humano. Isto é: tornou-o o *homo technologicus* que, em bom rigor, não vê na linguagem senão um bloqueio para a verdadeira comunicação – agora toda feita com base nos algoritmos.

Todo o fim é um reinício, ousa alguém dizer. Mas será este nosso tempo um reiniciar do quê? As promessas que a globalização lançou no mundo, serão elas verbetes de um dicionário que, no futuro, será olhado pelos que, herdeiros do século XX, aí só poderão ver um mero artefacto museológico. Como artefacto, será por isso mesmo, digno de mera curiosidade ou, quando não, de autêntico repúdio. Será assim?

Claro que nestas perguntas há um gozo retórico que advém de intuir que o vírus que agora se expande, como uma flor do mal abrindo as suas pétalas, pode ser combatido e vencido com a vacina apropriada saída de um qualquer centro de investigação chinês ou americano, europeu ou brasileiro.



Todavia, a retórica encerra aqui uma outra questão: a de que, no silêncio hostil de uma capital fechada em suas casas, com seus habitantes vendo, nas televisões e nas redes sociais o aumento dos contágios, a cura não será a panaceia para outros vírus insidiosos de que o vírus mutante que enfrentamos é o símbolo.

**É, POIS, UM VENENO (DO LATIM *VIRUS*) OU PARA USAR UMA METÁFORA INSTIGANTE DE SUSAN SONTAG: TODA A DOENÇA É O ESPELHO DESSA OUTRA PARTE DO HUMANO QUE NÃO QUEREMOS VER: A MORTE.**

O vírus é o agente da doença, a face mesma da condição mortal humana. Sejam os vírus propriamente ditos – fruto do contacto do homem com outros bio-sistemas (a caça no século XIX, o contacto com vírus naturais em ambientes tropicais, desconhecidos ao organismo dos ocidentais, ou vice-versa, posto que os africanos e os índios foram expostos a vírus para os quais o homem branco caucasiano já tinha imunidade), ou fruto do crescimento das cidades e de novas políticas de relação entre os corpos; é ainda de vírus que devemos falar se quisermos pensar a linguagem da poesia como remédio antiviral. Sejam os vírus produzidos em laboratório para, em face da explosão demográfica, eliminar raças ou grupos sociais, ou vírus como o da formatação de gerações inteiras pelos media, visando o domínio absoluto sobre a liberdade não só dos corpos, mas do pensamento, é ainda de vírus que devemos falar.

**O CONTÁGIO MAIS EVIDENTE, E, PORÉM, INVISÍVEL QUE SE OPEROU NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS NO ÚLTIMO SÉCULO, FOI QUAL?**

Quando, numa sociedade que despreza as artes e a poesia, a sensibilidade e o pensamento de que outro vírus deveremos falar senão do vírus do fascismo? Da imagem rigorosa que de Camus em *A Peste* ao ensaio de Rob Riemen intitulado *O Eterno Retorno do Fascismo*, não é com um vírus mutante que continuamente nos debatemos?

Talvez por isso Jorge de Sena nos lembre que “de morte natural nunca ninguém morreu”, sendo este já um bom sintoma desse outro vírus, o da poesia, que, como vírus apontado à certeza da medicina e da sabedoria popular, vem revelar-

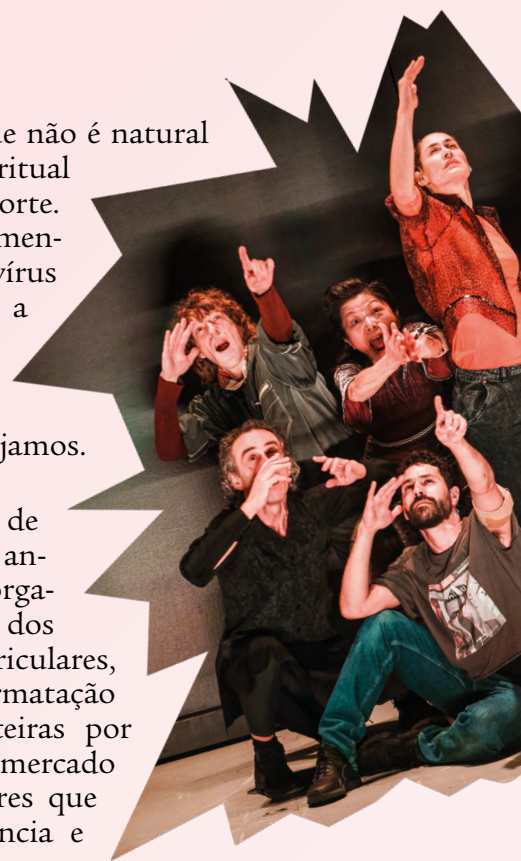
-nos o óbvio: que não é natural à condição espiritual do homem, a morte. Mas, paradoxalmente, é o próprio vírus da morte o que a sociedade tecnocrata e tecnológica mais corteja. Senão vejamos.

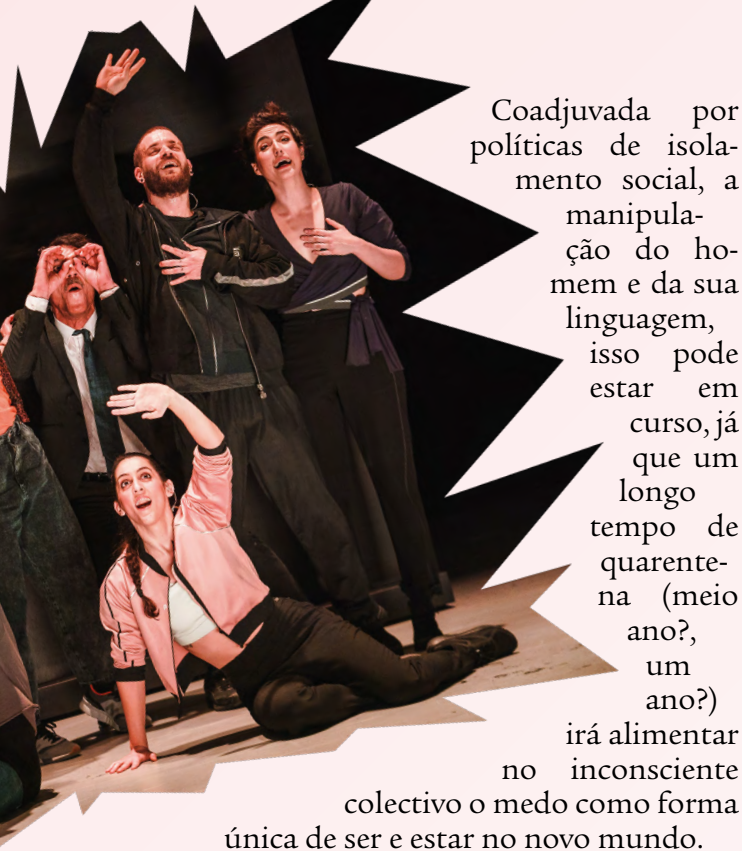
Dos sistemas de ensino globais, ancorados numa organização militar dos programas curriculares, obrigando à formatação de gerações inteiras por via dum sólido mercado de livros escolares que invadem a infância e a adolescência com vista à padronização de respostas para os exames (todas iguais e com critérios de correção e cenários de resposta inflexíveis), à luta pela sobrevivência no competitivo mercado de trabalho, de que outro vírus senão o vírus da alienação podemos falar?

De resto, a reboque do coronavírus, normalizando o teletrabalho, a alienação virá acelerar mais ainda os processos de sedimentação dum mercado global de novas dinâmicas sociais, todas elas minadas pelo vírus tecnológico, forma última que toma o mutante vírus do fascismo, inimigo histórico da poesia, do pensamento e das artes, de tudo, enfim, quanto representa a liberdade do homem.

**SINTOMAS DA DOENÇA DA BANALIDADE E DA DITADURA DO LUGAR-COMUM**

O vírus não menos insidioso da falsidade, entrando nas nossas casas através das redes sociais, é esse um dos rostos do fascismo, hoje patente para quem quiser ver na obediência cega à linguagem dos *smatphones* e do *tablet*, do *Iphone* e do *Instagram*, do *Wahtsapp* e do velhinho *Facebook*, um dos sintomas da doença da banalidade, da doença da ditadura do lugar-comum.





Coadjuvada por políticas de isolamento social, a manipulação do homem e da sua linguagem, isso pode estar em curso, já que um longo tempo de quarentena (meio ano?, um ano?) irá alimentar no inconsciente colectivo o medo como forma única de ser e estar no novo mundo.

Com o depauperar das formas de relacionar gramáticas diversas, com o ódio natural às linguagens as mais díspares da unilíngua do teletrabalho e das redes sociais onde o novo humano se irá relacionar, a poesia resistirá como “doença da linguagem” em lugares ocultos. Permitir-se-á a um engenheiro ou um informático que apreciem a poesia ou a pintura? Um ministro ou um gestor serão, num futuro próximo, sensíveis à luz da retórica da filosofia, à expressão do drama humano que brota de Shakespeare? Os alunos de hoje, que nascem para a escola e as universidades, que constantemente escolhem (ou são encaminhados para) cursos de gestão e de medicina, serão ainda, daqui a vinte anos, possíveis leitores de Unamuno?

**A POESIA E AS ARTES, COMO “DOENÇAS DA LINGUAGEM”, COMO VÍRUS QUE FUNCIONAM COMO REPLICADORES DA IMAGINAÇÃO E DA VITALIDADE, ISSO É O QUE A SOCIEDADE VIRAL DA TECNOCRACIA TEM COMBATIDO.**

Pois bem, é contra essas formas de servidão humana, agora num novo processo de reificação, que a poesia pode ser bem essa “doença da linguagem”, afinal tão necessária, para que as sociedades humanas, como corpos vivos, resistam às mais multifacetadas panaceias que o mutante vírus do fascismo procura inocular.

Contra a ideologia do uniforme e do pensamento “em rede” (presos na rede para sempre e para sempre escravizados pelo virtual, confinados ao espaço de domesticação que serão as nossas casas), nada mais revolucionário que esse dinamismo interior que sobrevive na poesia e na música, na filosofia e nas artes, fontes da energia libertadora. Essa energia vital que, como um vírus, circula no sangue dos que, contra o processo de decomposição do homem moderno, compreendem que é na linguagem das artes que esse homem decomposto se pode reconstruir.

Erigir uma doença produtiva, uma forma vital de ser e estar, foi essa a solução da poesia moderna e ou das artes e da música. Quando, no início do século XX, se afirmou como lei única a espontaneidade criadora, não foram Pessoa e Breton, Eliot e Maiakovski, Cendrars ou Marinetti, Almada ou Picasso, Amadeu ou Braque, Stravinski ou Prokofiev, os fazedores de uma liberdade livre? Dessa liberdade iremos precisar depois de 2020.

Talvez por isso também, grandes oradores como o Padre António Vieira ou Santo António (ou os oradores fundadores da nossa civilização: Jesus de Nazaré e Sócrates) tivessem, em si mesmos, como projeto humano essa virulência de uma palavra viva, de uma retórica da luz que, oposta à retórica das trevas, mais não era que a declaração de uma verdade humana difícil ou impossível de aceitar pelos poderes – de Caifás aos habitantes de Arimino, dos colonos do Maranhão aos novos colonos da tecnocracia atual, os donos da Internet e da economia viral.

**QUE DECLARAÇÃO É ESSA QUE VEM REVELAR A DIMENSÃO HUMANA AO HOMEM AGRILHOADO PELO ECRÃ FEITICEIRO DA NOSSA ERA?**

A declaração simples de que o homem é um ser de linguagem e, nessa medida, um ser que faz da palavra (da palavra poética, que é palavra crística, parábola por excelência), mola para a sua ação revolucionária, exigindo para os outros o que pede para si: um mundo justo, feito de diversidade, de harmoniosa relação entre todos e, sobretudo, de harmoniosa relação com a casa-comum a que chamamos Planeta Terra. Regresso ao início: um pensamento é uma frase impossível. Mas é de impossibilidades que o homem livre se faz. ■



# Jovens...

## e os santos da Christus Vivit 2. Francisco de Assis



Luís Leal

*Se houvesse um ranking dos santos mais “famosos”, de certeza que Francisco de Assis estaria no “top 5”. Mas poderemos imaginar o que é que nos diria hoje o “Irmão da Pobreza” e “patrono da ecologia”, também ele escolhido pelo Papa Francisco para nos acompanhar até às JMJ 2022?*

O teólogo brasileiro Leonardo Boff apresenta-nos, no seu livro intitulado *Francisco de Roma: uma nova primavera para a Igreja?* (Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013), uma hipótese de resposta a esta pergunta. Eis um excerto, como quem desperta a curiosidade para a vida deste santo.

*Eu também fui jovem como vós. Era filho de um rico comerciante de tecidos: Pedro Bernardone. (...) Meu pai, muito rico, proporcionou-me todas as facilidades. Eu liderava um grupo de jovens boémios (...) Fazíamos festins e muita algarazarra. Assim se passaram vários e alegres anos.*

*Depois de algum tempo, comecei a sentir um grande vazio dentro de mim. Tudo aquilo era bom, mas não me preenchia. Para superar a crise, tentei ser cavaleiro e mostrar a minha valentia em batalhas contra os mouros. Mas no meio do caminho desisti. Entrei num mosteiro para orar e fazer penitência. Mas logo percebi que esse não era o meu caminho.*

*Lentamente, porém, começou a crescer dentro de mim um estranho amor pelos pobres e uma profunda compaixão pelos leprosos que viviam isolados, fora da cidade (...).*

*Certo dia, quando entrei numa igreja, de nome São Damião, fiquei longamente a contemplar o rosto chagado de Cristo Crucificado. De repente, pareceu-me ter ouvido uma voz que me dizia: “**Francisco, vai e reconstrói a minha igreja que está em ruínas**”.*

*Aquelas palavras calaram fundo no meu coração (...). Comecei, com minhas próprias mãos, a reconstruir uma pequenina e velha igreja em ruínas, a Porciúncula. Depois, pensando melhor, dei-me conta de que aquela voz se referia à Igreja feita de homens e de mulheres, de bispos, abades, padres, não excluindo o próprio Papa. Ela estava em ruína moral (...). Tudo aquilo que Jesus seguramente não queria dos seus seguidores.*

*Então, decidi beber da fonte genuína da reconstrução da Igreja: os Evangelhos e o seguimento de Jesus pobre.*

*(...) Comecei a pregar pelos burgos as palavras de Cristo, em língua popular que todos entendiam. (...)*

*Muitos antigos companheiros de festas e diversões se juntaram a mim. Uma bela e querida amiga, Clara de Assis, fugiu de casa e quis compartilhar a nossa vida simples. Começámos um movimento de pobres. Nada levávamos connosco. Apenas o ardor do coração e a alegria do espírito. Trabalhávamos nos campos ou pedíamos esmolas. Queríamos seguir os passos de Cristo humilde, pobre e amigo dos pobres. Tive a compreensão do Papa Inocêncio III que aprovou, não sem hesitações, o caminho que eu e meus companheiros queríamos seguir.*

*Depois de alguns anos, já éramos uma multidão a ponto de eu não saber mais como abrigar e animar tanta gente. O resto da história vós já conheceis. (...) Com o apoio do Papa daquele tempo, criou-se a Ordem dos Frades Menores, com diversos ramos, que persiste até os dias de hoje.*

*Vejam, queridos jovens, irmãos e irmãs meus queridos. Tive uma experiência que certamente vocês, como jovens, também tiveram ou estão tendo (...). Portanto, temos algo em comum.*

Estas são as páginas das 3 ordens franciscanas em Portugal:

- <http://www.franciscanosconventuais.com/>
- <https://capuchinhos.org/> e <https://ofm.org.pt/>.

E se gostas de cinema, os realizadores Roberto Rossellini (1950), Michael Curtiz (1961), Franco Zeffirelli (1972) e Liliana Cavani (1989) apresentam-te várias “facetas” deste santo. De qual delas te sentes mais próximo/a? Tu dirás... ■



### Um dia com Francisco e Jacinta

Uma vez que ao longo deste ano, estamos a dedicar uma especial atenção aos testemunhos de vida e de fé dos jovens santos propostos pelo Papa Francisco para a nossa peregrinação espiritual até às próximas JMJ, esta proposta-desafio tem tudo a ver com isso.

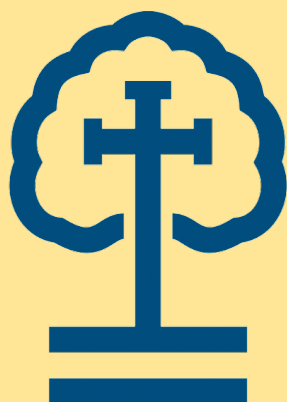


É certo que os Pastorinhos de Fátima não constam da lista do Papa Francisco; mas atendendo a que, em 2020, se celebram os 100 anos da morte de Jacinta, parece-me que esta proposta do Santuário de Fátima, que terá lugar, no sábado, 18 de julho, é uma bela oportunidade para ficares a conhecer melhor estas duas figuras,

muito significativamente apresentadas como os *Amigos de 'Jesus escondido'*.

De acordo com o Programa no site do Santuário (<https://www.fatima.pt/pt/events/um-dia-com-o-francisco-e-a-jacinta-6>), poderás ficar a conhecer as suas vidas e experimentar viver um dia no ritmo que o seu testemunho nos propõe: o da oração-adoração diante do *Amigo escondido Jesus*, agradecendo-Lhe, por intermédio de Maria, toda a força, alegria e esperança (contra todos os “desesperos”) que esse encontro significa.

Por isso, em julho, é hora de te **m@veres** e marcares na tua agenda este ***Dia com Francisco e Jacinta!***



**CAMINHOS DE  
FATIMA**

### Projeto e Roteiros

O Centro Nacional de Cultura, em parceria com o Santuário de Fátima, o Turismo de Portugal e várias Associações de

Peregrinos e autarquias (entre outras entidades), prepararam e disponibilizaram três *Roteiros* correspondentes aos trajetos mais frequentados pelos peregrinos até ao Santuário de Fátima:

- *Caminho do Tejo*  
(entre Lisboa e o Santuário),
- *Caminho da Nazaré*  
(entre Nazaré e o Santuário)
- e *Caminho do Norte*  
(entre Valença e o Santuário).

A ideia foi fornecer, de forma gratuita, indicações, quer sobre o património cultural e religioso, que os peregrinos poderão fruir ao longo desses percursos, quer informações precisas acerca da paisagem e cartografia, bem como outras “dicas” úteis a quem se qui-

ser aventurar a percorrer esses caminhos. Os roteiros estão disponíveis em várias línguas e há uma versão digital que se pode descarregar da internet, acompanhada dos respectivos mapas GPS, através do site <https://www.caminhosdefatima.org/pt/>.

Neste site podes ainda encontrar outras rotas/caminhos, o que significa que terás muito por onde escolher (peregrinar)....

Se estás a pensar, um dia, fazer esta peregrinação, não podes deixar de te **lig@r aos Caminhos de Fátima.**



# Etapas do percurso

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

Qual é a distância entre os nossos ideais e a dura realidade? Entre a realização final do nosso sonho existencial e as suas realizações parciais e mutáveis? Entre a meta e as etapas intermédias? No melhor cenário cabe-nos a nós medir essas distância e, no pior cenário, aguentar com as decepções, as frustrações, a impaciência.

Esquecemos facilmente que nem tudo é possível de alcançar com um *click*, sobretudo no nosso percurso de vida, que merece todo o nosso esforço, compromisso e procura: não somos apenas o que seremos quando, finalmente, atingirmos a meta, mas somos também o que entretanto formos, enquanto caminhamos, num equilíbrio precário, sobre a linha, nunca reta, que liga a partida à chegada.



A alternativa é vaguear como um *zombie* no espaço perdido das lamentações.

Para o nosso Fernando, esta distância mede, inicialmente, cerca de 200 quilómetros, mais ou menos uma semana a pé. É a distância entre Lisboa e Coimbra; do mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em São Vicente de Fora, ao mosteiro dos mesmos Cónegos em Santa Cruz de Coimbra, onde a alma inquieta de Fernando esperava encontrar mais silêncio e tempo para dedicar a Deus. Tinha sido ele a pedir a mudança e contava com esses quilómetros para ver mais claro e ter a certeza das escolhas feitas.

### Mas será que o chamado de Deus pode ser medido dessa forma?

A rotina dos dias no novo mosteiro é repentinamente interrompida pela chegada, de Itália, de alguns frades menores. O seu estilo de vida, tão diferente e alternativo, perturba Fernando, arrancando-o literalmente do mosteiro.

Troca de roupa: da faustosa túnica monástica para a rude e pobre veste franciscana; troca de casa: do mosteiro monumental para os abrigos em grutas e cabanas; cerca de 4 km, menos de uma hora, para quem tem boas pernas, é a distância entre o mosteiro e o ermitério de Santo Antão dos Olivais, situado no meio das oliveiras, onde acamparam os franciscanos vindos de Assis. São poucos quilómetros, mas, para Fernando, que grande distância!

Ao percorrê-los, pela última vez na sua vida com os pés calçados, descobre que o destino nunca é o resultado dos nossos desejos e a vontade de Deus não coincide propriamente com os nossos projetos. Forçado a aprender que, para encontrar-se, é necessário perder-se!

Desta vez, nem precisou de fazer as malas. De facto, Fernando percebe que deve levar apenas a sua alma e deixar tudo o resto para trás. Esses frades chamam pomposamente a isso “Dona pobreza”.

### A que poderei comparar essa pobreza?

Se isso dissesse respeito apenas às coisas materiais, seria, provavelmente, fácil de suportar: até pelo facto de um certo snobismo soar bem nessa idade. Mas o que aqui está em jogo é algo de bem mais profundo.

“A que poderei comparar essa pobreza?”, pergunta Fernando, não encontrando na sua experiência nada que se parecesse com ela. Será, porventura, como a tosca tigela de madeira, que os seus novos companheiros de viagem lhe ofereceram? Pode-se encher gota a gota quando chove ou junto de uma fonte no campo.

Com uma moeda recebida de esmola podem fazer-se malabarismos. E, com um pauzinho, pode-se batucar alegremente nas bordas. E, mesmo que esteja vazia, não deixa de estar cheia: de ar, de céu. Caramba, quantas coisas pode conter uma tigela!

Todavia cabe apenas uma de cada vez. Se estiver cheia, quando quero enchê-la com outra coisa, primeiro devo esvaziá-la, devolvendo o seu conteúdo com gratidão aos legítimos proprietários: a água ao céu, a moeda ao doador, o barulho ao pauzinho, o pauzinho à terra.

É esta a pobreza que enriquece? Entregar-se ao Divino Dispenheiro, àquele Deus que, aparentemente, se esqueceu mais uma vez de colocar o ponto final na minha história... ■





# Uma carta com um olhar diferente

*Gilberto Borghi e Chiara Gatti*

Uma revista folheada por acaso numa sala de espera. Uma carta que capta o interesse e, sobretudo, oferece um novo olhar sobre uma vida quotidiana, só aparentemente banal.

Estou sozinha na sala de espera de um médico, onde tenho consulta marcada. Enquanto aguardo a minha vez, folheio uma revista colocada sobre a mesa. Entre as várias “Cartas ao Diretor”, aparece uma que me intriga imediatamente:

*“Prezado Diretor, chamo-me S.* Decidi escrever esta carta, embora saiba muito bem que o senhor não é psicólogo nem padre e, por isso, talvez não seja a pessoa mais indicada para falar do meu trabalho interior. No entanto, vi que, na seção de “Viagens” da vossa revista, publicaram uma reportagem sobre a África Central... Confesso que, apesar de a vossa revista não ser uma revista missionária, gostei do estilo editorial: nada retórico, muito respeitoso daquelas gentes e dos seus terríveis problemas que, talvez nós, aqui em Itália, nem podemos imaginar.

Bom, venho ao ponto da questão, confessando a culpa que sinto por não ter sido capaz de partilhar a minha vida com aquelas pessoas, aliviando-as de alguma forma na sua terrível condição, com a minha ajuda, embora infinitamente pequena. Quando era jovem (agora tenho cerca de quarenta anos), o meu namorado e eu frequentávamos o Oratório Salesiano e, aos poucos, surgiu em nós o grande desejo de partir para realizar o projeto que tínhamos a certeza que Deus nos havia dado: viver numa missão que conhecíamos, em Angola.

Assim, logo que casamos, preparamo-nos para partir. Quando, porém, tudo estava pronto, o pai do meu marido morreu repentinamente, deixando a sua esposa com dois filhos ainda pequenos e com poucos recursos para poderem concluir os seus estudos. O meu marido, mesmo não sendo pressionado pela mãe, tornou-se, como irmão mais velho, o principal suporte da sua família de origem. Entretanto, eu encontrei trabalho numa repartição dos Correios e, assim, pudemos mudar de casa escolhendo um apartamento maior, próximo da casa da minha sogra que, entretanto, começou a perder rapidamente a vista por causa de uma doença ocular muito grave. Meu marido trabalhava, num supermercado, bastante longe de nossa casa. Minha sogra precisava de uma assistência constante e, apesar dos dois filhos que, entretanto, tivemos, nunca deixámos de cuidar dela.



Foto: Benjâmin Manley | Unsplash.

Os meus filhos, um menino e uma menina, apesar de nós pais não termos podido acompanhá-los como teríamos gostado, por causa do trabalho e do cuidado para com a minha sogra, cresceram serenamente, entre jardins de infância, a solidariedade dos amigos do condomínio e os imprevistos próprios da idade.

No entanto, eu pensava sempre em África e como eu, formada em história, teria podido ajudar as crianças e os adultos daquele continente; e, também, como o meu marido poderia ter ajudado profissionalmente as pessoas daquelas terras (ele tinha um diploma do instituto técnico superior).

Que fracasso, todos os nossos sonhos, o nosso ideal de pobreza evangélica e a partilha total com os mais desfavorecidos!

Hoje admirei e invejei a ONG que a vossa revista mencionou no artigo, que leva para a Áfri-

ca ajuda, medicamentos e assistência hospitalar. Enquanto eu, ao olhar para a minha vida, vejo-a cinzenta e sem sentido! Desculpe o meu desabafo. De qualquer forma, obrigado pela paciência de me ouvir. Atenciosamente”.

“*Querida Sra. S*, obrigado pela sua carta, para mim tão sincera quanto perturbadora. Antes de tudo, digo-lhe que não sou nem padre, nem crente... portanto, quando a senhora fala de pobreza evangélica e do projeto que Deus lhe tinha confiado, não entendo muito bem o que é que isso quer dizer.

No entanto, desculpe a franqueza, acho que a senhora precisa de um novo par de óculos com “lentes cor de rosa” para reavaliar tudo o que a rodeia e que constitui diariamente a sua vida.

Não acredito, por exemplo, que a ajuda que a senhora certamente dá aos imigrantes que

chegam ao seu balcão para preencher uma ficha do correio “vale” menos do que ensinar o alfabeto português num descampado, algures em Angola, bem como não penso que a sua entrega contínua aos seus filhos, ao seu marido, aos filhos dos seus amigos do condomínio e à sua sogra, tenha menos valor do que tratar de uma pessoa doente numa aldeia africana ou estar perto de uma mulher que dá à luz na sua cabana perdida no mato.

Eu poderia continuar esta comparação por mais tempo, mas a senhora é suficientemente inteligente para entender o que lhe quero dizer.

Concordo consigo que, talvez, a África lhe daria uma maior leveza de coração e lhe transmitiria a certeza de ser “uma pessoa boa, pobre e evangélica”, mas estou convencido que existem muitas maneiras para ser verdadeiramente pobre e para viver esse Evangelho, que a senhora certamente conhece melhor do que eu.

Os óculos, que eu próprio gostaria de lhe dar, poderiam servir-lhe para entender não apenas a grandeza, mas sobretudo a beleza que existe na sua vida, uma vida que a senhora não escolheu, mas que, como acontece com frequência, soube aceitar sabiamente assim como ela veio.

Desejo que, mais cedo ou mais tarde, possa visitar a África e apreciá-la, com as suas cores maravilhosas, juntamente com sua família. Saúdo-a calorosamente”. ■





## Livros

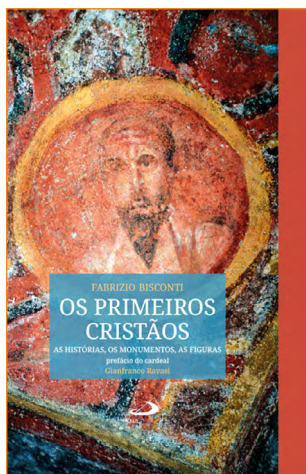
### OS PRIMEIROS CRISTÃOS

A edição em português de *Os primeiros cristãos – as histórias, os monumentos, as figuras*, da autoria do historiador italiano Fabrizio Bisconti, constitui um acontecimento muito significativo. Magnificamente apetrechada de imagens ilustrativas, a obra conduz o leitor na descoberta da arte cristã primitiva, presente em catacumbas, monumentos e vestígios arqueológicos.

A obra reúne uma numerosa coletânea de breves artigos publicados no *L'Osservatore Romano*, assegurando assim o seu carácter divulgativo e não excessivamente técnico. Centrado no âmbito italiano, o autor dá a conhecer o trabalho de fundo que é realizado na área da arqueologia do património cristão dos primeiros séculos, interpretando os vestígios e imagens vindas à luz. O culto dos mártires e dos santos, a vida quotidiana dos cristãos, os monumentos fúnebres e rituais, as práticas batismais e a evocação dos episódios bíblicos constituem a riqueza que alimenta este património. O leitor poderá assim fazer uma bem acompanhada viagem aos primeiros séculos da vida cristã ocidental, descobrindo, nos vestígios deixados pelas primeiras famílias e comunidades eclesiais, as semelhanças e os testemunhos da comum fé, esperança e vocação à caridade.

*O tema largo e envolvente de todo o volume abraça e evoca a vida dos primeiros cristãos, daquele “povo” primeiro invisível, ou melhor, oculto no habitat “pagão” da Antiguidade Tardia e depois bem presente e julgado pela sua história, na sua organização, nas suas atividades profissionais, na conceção da família, da vida, da morte, do culto, dos ritos e da ideia do Além. [...] Tudo isto nos mostra uma sociedade de*

*fiéis “iguais e diferentes”, no sentido que, vivendo no seu tempo, aspiram a um mundo que não é só o horizonte da vida terrena.*



**Autor**  
Fabrizio Bisconti  
**Edição**  
Paulus  
**Páginas**  
400

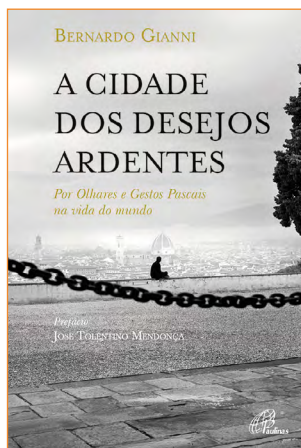
Rui Pedro Vasconcelos

### A CIDADE DOS DESEJOS ARDENTES

*A cidade dos desejos ardentes* é fruto das meditações orientadas pelo monge italiano Bernardo Gianni no retiro de 2019 da cúria romana, no qual participou o Papa Francisco. Este acontecimento é o cenário que permite agora, ao público português, aceder a uma proposta de aprofundamento espiritual densa de sentido e de beleza.

Partindo da cidade de Florença – na qual vive o autor, abade de um mosteiro beneditino –, Gianni caminha de mãos dadas com o testemunho de duas personagens célebres da cidade, o político Giorgio La Pira e o poeta Mario Luzi, para saborear a vocação cristã no seio da cidade e da sociedade humanas. Trata-se de uma leitura e de uma vocação em chaves positivas, nas quais se realçam a busca da beleza, do sentido e do mistério das relações como aberturas à presença e ao amor primeiro de Deus na história. Libertando-se do moralismo estéril e de uma religiosidade marcada pela culpa, Gianni desafia o leitor a mergulhar nos sinais divinos que marcam a difícil vida urbana e social: o monge surge, aqui, não com o apelo à fuga do mundo, mas com o convite a traçar, nos ritmos e relações, a sabedoria que brota do Evangelho. Um livro que é uma proposta a cada leitor para, “retirando-se um pouco” (Mc 6, 31) das tarefas e obrigações – que, em excesso, o podem desumanizar –, ingressar num tempo e num espaço de descoberta do divino, no mosteiro da sua própria casa.

*É-nos dado restituirmos a cada homem e mulher engolidos pelas trevas do pecado, do desespero, da desilusão, da solidão, a beleza da vocação cristã, o carácter coral de uma transfiguração que resgata a nossa vida e lhe dá um alento elevado, de beleza, de alegria, que muitas vezes evocamos como frutos belíssimos que o Senhor dá com abundância ao nosso coração. ■*



**Autor**  
Bernardo Gianni  
**Edição**  
Paulinas  
**Páginas**  
152

## J'ACCUSE:

A VERDADE NÃO É TUDO, MAS É UM BOM PRINCÍPIO



*J'Accuse*,  
de Roman Polanski.

Drama, Thriller, Histórico, M/12, ITA/FRA, 2019.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

**O affaire Dreyfus, que abalou a França no final do século XIX**, foi um momento provavelmente decisivo, por ser um marco – alguns dizem que um farol – do empenhamento público e político dos intelectuais. O Manifesto *J'Accuse*, do escritor e intelectual Émile Zola, publicado no jornal *L'Aurore*, de 13 de Janeiro de 1898, é a maior referência dessa relevância e desse empenhamento capaz de denunciar aquela que continua a ser uma das grandes vergonhas da justiça francesa.

Alfred Dreyfus era um oficial exemplar do exército francês. Mas tinha um problema, era judeu. E foi falsamente acusado de espionagem em favor da Alemanha, acabando por ser condenado a prisão perpétua na ilha do Diabo.

O caso *Dreyfus*, em França, naquela viragem do século XIX para o século XX, como se veio a provar 12 anos mais tarde, foi um tremendo erro judiciário, que provocou um tumulto político e revelou também o germinar do antissemitismo. Sendo um dos maiores exemplos de como a autoridade do Estado pode esmagar uma pessoa boa e inocente.

São impressionantes e impressivas as primeiras imagens do filme: uma praça imensa e aparentemente vazia para onde é levado o oficial Dreyfus; entram depois na imagem as figuras inquisidoras e solenes do aparelho militar encarregado da execução da sentença; e assistimos, como que acompanhados por um metrônomo, à cerimónia mais do que humilhante do arrancar dos galões e dos botões e ao partir da espada. Dreyfus fica 'despido' e exposto à turba que grita, para lá das grades, contra o seu próprio grito a clamar inocência.

É daqui que o grande realizador Polanski parte para um belíssimo filme, centrado afinal não em Dreyfus, mas noutro oficial, Picquart, que tinha sido professor de

Dreyfus e tinha até pouca simpatia pelos judeus. Mas é precisamente este oficial que, quando é colocado no Serviço de Informações Militares, quase por acaso, ao perceber que havia algo de errado, começa a escavar nos documentos oficiais, vai percebendo o que tinha sido tramado e não descansa enquanto não consegue provar a inocência de Dreyfus.

O filme, por ser do mestre Polanski, acaba então por ser construído não como uma sucessão de factos – como uma normal ficção histórica – mas muito mais como um *thriller*, onde nem sequer falta o *affaire d'amour* entre Picquart e Pauline. O 'agulhão' do filme é precisamente mostrar o difícil e longo caminho para chegar à reintegração, apesar de todas as armadilhas e alçapões, de toda a máquina montada para manipular e esconder a injustiça cometida (as cenas em tribunal são exemplares). O filme é uma história onde os riscos e as surpresas abundam, capaz de envolver o espectador, mesmo que este já saiba o fim da história, que não é completamente feliz: Picquart e Pauline, ao contrário do que esperávamos não ficam juntos; e Dreyfus, declarado inocente, vai ter com o novo Ministro da Guerra, Picquart precisamente, para lhe ser reconhecido o tempo em que esteve preso e recuperar o posto hierárquico correspondente, mas sai de mãos vazias.

A verdade não é tudo, mas é um bom princípio.

*Ao olhar para o final do século XIX e início do século XX e para a catástrofe que o 'affaire Dreyfus' anunciou, Polanski, como Clint Eastwood em "O Caso de Richard Jewell", mostra-se profundamente céptico em relação ao nosso mundo de hoje em que a verdade é inventada, em que a xenofobia e o antissemitismo não precisam de se esconder.*

Vasco Câmara, Público, ípsilon, 31 de Janeiro de 2020 ■





## Para uma vida na alegria

Frei José Carlos Matias

*Sou o Frei Ângelo e acabo de regressar de um “campo para adolescentes”, em Assis, que se realizou no convento da Basílica de São Francisco, juntando um grupo de frades e freiras franciscanas, cerca de 150 jovens (14-17 anos) e os seus animadores, provenientes de várias partes de Itália. São Francisco, Santa Clara e Carlo Acutis (um jovem que morreu, em 2006, com 15 anos e está em processo de beatificação) serviram-nos de guia em direção ao amigo que nunca falha e a tudo dá sentido, plenitude e alegria, o Senhor Jesus.*

Foi grande nos jovens a admiração em relação à nossa vida e à nossa vocação de frades e freiras franciscanos. Ficaram admirados pelo acolhimento familiar e simples, pela alegria e disponibilidade, pelo modo de rezar e cantar ao Senhor; pelo programa exigente e “alto”, que, precisamente por isso, se revelou “muito belo”!

De facto, São Francisco veio ao mundo com natural disposição para a alegria. A graça não sufocou aquilo que a natureza nele tinha realizado. Já o primeiro chamamento a ser cavaleiro de Cristo fez germinar no seu coração uma tal alegria que “não se podia conter” (1Cel 7). Quanto mais o desígnio de Deus ganhava forma, mais vivia o seu amor por Cristo, cuidando dos leprosos, reconstruindo as igrejas em ruína e por fim abandonando toda a propriedade terrena. A altíssima pobreza, abraçada livremente por amor de Cristo, foi para ele uma fonte inexaurível de puríssima alegria.

*Tanta era a sua alegria, que parecia tivessem descoberto um magnífico tesouro na fazenda evangélica da senhora Pobreza, por amor da qual se tinham generosa e espontaneamente libertado de toda a posse material, considerando-a da mesma forma que o lixo.*

3Comp 33

Daqui o seu amor pelo canto e pela música. Os hinos e os cânticos por ele compostos, os *Louvores de Deus Altíssimo*, *O Cântico das criaturas*, *A salvação da bem-aventurada Virgem Maria*, o *Sanctus*, são testemunhos da sua alma enamorada e cheia de alegria no Senhor. “No canto do espírito procedeu desta vida à eternidade” (1Cel 109).

A alegria era verdadeiramente o clima que caracterizava o primeiro núcleo franciscano: alegria na pobreza, alegria na natureza, alegria na fraternidade. Nenhum peso é tão grave ao ponto de poder oprimir a nossa alegria.

Para os filhos de Deus existe um só motivo de tristeza: o pecado. (cf. Adm 11). E também aqui existe para nossa consolação a graça de Deus que é mais forte que a nossa fraqueza (cf. 1Jo 1,3).

São Francisco sabia que o homem tem necessidade da alegria... e os seus frades deviam ser “os alegres malabaristas do Senhor, que deviam elevar os corações dos homens e conduzi-los à alegria espiritual” (Esp.Perf 100).

Frei Ângelo ■



## Frei Vitoriano da Costa, portuense, bispo de Cabo Verde e da Guiné

Frei Manuel Gonçalves

*Nasceu na cidade do Porto, no ano de 1651, filho de pais nobres Manuel da Costa Neves e de Maria Barbosa de Barros. No baptismo recebeu o nome de Vitoriano da Costa. Entrou nos franciscanos, com a idade de 23 anos, após cursar direito na Universidade de Coimbra. Não se apaixonou pela advocacia. A sua grande “paixão” era a vida e o exemplo de Santo António de Lisboa. Vestiu a veste dos pobres de Assis, no convento de Santo António de Aveiro, no dia 12 de Janeiro de 1674, e no ano seguinte e no mesmo dia, faz a sua primeira profissão.*

No ano de 1679, no capítulo realizado em Santo António dos Olivais em Coimbra, foi instituído pregador; no ano de 1682, é promovido a confessor. No ano de 1687, apenas com uma dúzia de anos de religioso, o rei D. Pedro II nomeou-o Bispo de Cabo Verde.

Segundo nos informam os historiadores Senna Barcelos e Fortunato de Almeida. Foi sagrado Bispo no dia 14 de Setembro, com a idade de 36 anos de idade. O padre Henrique Rema diz-nos:

*Os cronistas da Província da Soledade confessam ignorar as datas da sagração do Bispo, da sua partida de Lisboa e chegada à sua catedral de Santiago. Ambos dedicam nas suas crónicas muitas páginas a este Bispo.*

Segundo os autores já mencionados, chegou à sua diocese no dia 17 de Abril de 1688. Chegado à sua diocese teve que assumir o cargo do Governo, porque o Governador, Veríssimo de Carvalho, teve que embarcar para Lisboa.

Conforme nos informa o padre Rema, o bispo não era uma figura para conquistar fáceis amizades. O seu temperamento era para enfrentar a luta e criar grandes realizações.



O cronista Manoel da Mealhada refere que a diocese tinha pouco clero e este totalmente iletrado. Perante esta situação, o bispo recorre aos frades da Província da Soledade e nomeia-os para vigários das paróquias e visitantes da Costa da Guiné. No bom relacionamento que tinha com o rei D. Pedro II, o bispo confidenciava: “A única consolação que tenho neste degredo é a companhia dos religiosos”. O padre Rema conclui: “sabia que os seus amigos confrades, na qualidade de missionários, gastavam tudo quanto rendiam as Igrejas na fábrica delas”.

No século XX, os franciscanos, no ano de 1932, voltam novamente às terras da Guiné-Bissau. A história repetiu-se: partiram pobres, deram o seu melhor ensinando, catequizando, construindo escolas, maternidades, internatos, creches, capelas e igrejas e regressaram mais pobres: sem saúde e gastos pelo clima. (Continua no próximo número) ■

Convento de São Francisco

Cidade Velha, ilha de Santiago, Cabo Verde. Foto MSA 2005.



# Os aromas do nosso amor

## A PALAVRA DE DEUS

*Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para ir embalsamá-lo.*

*De manhã, ao nascer do sol, muito cedo, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro.*

*Diziam entre si: “Quem nos irá tirar a pedra da entrada do sepulcro?”*

*Mas, olhando, viram que a pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande.*

*Entrando no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram assustadas.*

*Ele disse-lhes: « Não vos assusteis! Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou: não está aqui. Vede o lugar onde o tinham depositado.*

*Ide, pois e dizei aos seus discípulos e a Pedro: Ele precede-vos a caminho da Galileia; lá o vereis, como vos tinha dito”.*

MC 16, 1-7



Mosaico representando o corpo de Cristo sendo erguido e a igreja antiga ergue-se no local onde o corpo de Cristo foi enterrado durante a Semana Santa.

## A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

As almas fiéis compram aromas da melhor e mais escolhida mirra, cinamomo, cana, cássia e azeite de oliveira e fazem um óleo santo para as unções e um bálsamo composto segundo a arte de um perfumador... E ungirás com ele o tabernáculo do testemunho e a arca do testemunho... e o altar dos perfumes e o dos holocaustos (cf. Êxodo, 30,23-28).

Na melhor e mais escolhida mirra designa-se o espírito devoto, a escolha mais importante; no cinamomo, de cor de cinza, a memória da morte; na cana, a melodia da confissão; na cássia, que se dá em lugares húmidos e se ergue para o alto, a fé, alimentada nas águas do batismo e elevada ao alto pela caridade; no azeite da oliveira, a misericórdia do coração. Destes cinco elementos devemos fazer o bálsamo santo que nos santifique, composto segundo a arte do perfumador, do Espírito Santo.

O tabernáculo do testemunho simboliza os pobres de Jesus Cristo; a arca do Testamento, o coração e o corpo renovado pela penitência; o altar dos holocaustos designa os ativos que socorrem as necessidades do próximo; o altar dos perfumes, os contemplativos, cheios da suavidade da celeste doçura.

Com tal bálsamo, devem ser ungidos os membros de Jesus Cristo, crucificados na cruz da penitência, sepultados no túmulo da vida celeste.

*Páscoa do Senhor*





preparado após sua morte, em frente à Pedra da Unção, na Igreja do Santo Sepulcro, no bairro cristão da cidade velha de Jerusalém. Esta ar da crucificação, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. Por aqui passam milhares de peregrinos de todo o mundo, especialmente emana Santa, o que não irá acontecer este ano, devido à COVID-19. Foto 2018 EPA / ATEF SAFADI.

Frei Valentim Strappazzon

## APROFUNDAMOS

O caminho das três Marias para o sepulcro, na manhã de Páscoa, é transformado, na palavra de António, num símbolo de oferta espiritual. A razão dessa maravilhosa transformação de um amor espontâneo para símbolos espirituais é sugerida pela memória da unção perfumada do altar do Senhor, no livro do Êxodo 30, 23-28.

De facto, passada a noite de sexta-feira e o repouso de sábado, elas foram imediatamente comprar aromas para embalsamar o corpo de Jesus e, na manhã seguinte, ao nascer do sol, foram ao sepulcro. ***“Apressavam-se, escreve António, absorviam-se, tal como as abelhas se absorvem na produção de cera e mel”.***

O perfume que elas preparam é composto pelas melhores essências aromáticas: mirra, cinamomo, cana, cássia e azeite selecionados. Excelentes aromas, como devem ser os do nosso coração! A mirra é a devoção sincera. O cinamomo, o pensamento da morte. A cana, a melodia da confissão. A cássia é a fé alimentada pelas águas do batismo. O óleo é a misericórdia... Essa mistura é feita por um excelente artesão, o Espírito Santo, que a torna santa e perfeita, digna de ser oferecida no altar de Deus.

Então, o seu significado torna-se claro: o espírito devoto, ou a “devoção”, é a melhor mistura e manifesta-se não apenas com orações e atos de piedade, mas sobretudo com sentimentos e atos interiores e exteriores, isto é, ***no amor verdadeiro e sincero que vence todos os egoísmos e se expande como um presente de si próprios para Deus e para o próximo.*** ■



# Deus é misericórdia



Sei que muitos de vós, na Páscoa, vão confessar-se para reencontrar-se com Deus. Mas muitos me diriam hoje: “Padre, onde posso encontrar um sacerdote, um confessor, já que não podemos sair de casa? E eu quero fazer as pazes com o Senhor, eu quero que ele me abrace, que o meu Pai me abrace... Como posso fazer se não encontro sacerdotes?

Faz o que o diz Catecismo: “Se não encontras um sacerdote para te confessares, fala com Deus, Ele é o teu Pai, e diz-lhe a verdade: ‘Senhor, fiz isto, isto, isto... Perdoa-me’, e pede-lhe perdão de todo coração, com o ato de contrição, e promete-lhe: ‘Depois vou me confessar, mas perdoa-me agora’. E imediatamente voltarás à graça de Deus.

*Papa Francisco, na homilia da Missa do dia 20.02.2020, na Capela da Casa de Santa Marta*